



Encontro Inter-regiões - Norte

Região Norte - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00234
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal do Acre
CAMPUS	Rio Branco
CIDADE	Rio Branco
UF	AC
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO15
TÍTULO	Negritudes Acreanas: da negação à autoidentificação racial
ESTUDANTE-LÍDER	Jaine Araújo da Silva
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação Social/Jor
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Nina Maria de Sousa Veras (Universidade Federal do Acre); Roseane da Silva Dantas (Universidade Federal do Acre); Tatyana Sá de Lima (Universidade Federal do Acre); Jaine Araújo da Silva (Universidade Federal do Acre)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A grande-reportagem em vídeo Negritudes Acreanas: da negação à autoidentificação racial é produto da disciplina Produção e Difusão em Telejornalismo 2 do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre. A disciplina foi ministrada no primeiro semestre de 2019 pela professora mestra Tatyana Sá de Lima, em caráter especial, buscando promover a realização de grandes-reportagens. No que diz respeito aos objetivos específicos, visava: compreender o processo de construção de uma reportagem especial em Telejornalismo, abordando pesquisa, planejamento, produção, gravação e edição; incentivar a reflexão e a crítica sobre a televisão na sociedade contemporânea; e retomar os principais conceitos da linguagem telejornalística. Na primeira metade do semestre, pautas diversas foram propostas pelas alunas da disciplina. Dentre elas, a sobre negritudes acreanas foi escolhida para ser executada. A disciplina mostrou-se uma oportunidade não só para refletir conjuntamente sobre as identidades negra do Acre – estado com 77,6% de sua população pertencente ao grupo negro, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2018 – como para levantar essa discussão de modo didático e introdutório, incentivando a abordagem de pautas sobre temáticas raciais. Utilizar a reportagem em telejornalismo para abordar a temática da identidade racial em um país como o Brasil é relevante, pois “a televisão é o veículo que mais dramatiza a realidade e a torna real em função da imagem”, conforme Luiza Carravetta na obra Construindo o telejornal (Armazém Digital, 2009). Além disso, considera-se o jornalismo como uma ferramenta útil à reflexão inclusive de temas dos quais a sociedade foge, tais como a hierarquização racial e as consequências seculares, veladas e escancaradas, do racismo. Discutir a identidade racial negra no estado do Acre é especificamente significativo porque trata de uma abordagem mais centrada na realidade vivida em um estado que talvez não se sinta muito ligado à herança dos povos negros que por aqui passaram e colaboraram para sua existência. Conforme Jorge Fernandes, no livro Negros na Amazônia Acreana (Edufac, 2012), a influência de pessoas negras na formação do estado do Acre é inegável. A chegada dos negros no Acre teve início no século XIX: “apontando para a presença marcante desde 1854, com a abertura de seringais e a corrente humana que chega em 1880 trazendo tanto homens livres quanto escravos, ex-escravos e descendentes de escravos, além dos barbadianos [...]” (p. 19). Partindo-se do fato de que 72,3% da população do estado se autodeclara parda enquanto 5,3% se autodeclara preta (PNAD, 2018), Negritudes Acreanas: da negação à autoidentificação racial tem como objetivo geral discutir sobre a identidade racial acreana, focando no grupo negro. Como objetivos específicos, busca-se, ao longo dos tópicos, resumidamente: descrever como aconteceu a formação social do estado do Acre; investigar se as pessoas entrevistadas identificam racismo em suas vivências, tanto ativa quanto passivamente; explicar como foi construída a classificação cor/raça elaborada pelo IBGE; discutir o conceito de democracia racial; e, por fim, compreender a importância da autodeclaração racial para um país miscigenado como o Brasil. Na obra Olhares negros: raça e representação, bell hooks (Elefante, 2019) afirma: “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (p. 63). A partir disso, a grande-reportagem em questão constitui, acima de tudo, uma tentativa de sinalizar a importância de uma temática estruturante socialmente que precisa deixar de

ser ignorada no país conhecido como o paraíso das três raças e em um estado em que eufemismos são frequentemente utilizados para negar a existência negra.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

A avaliação da disciplina foi dividida em duas etapas. A primeira foi a elaboração de um relatório com os itens: contextualização da temática escolhida; breve levantamento de literatura, reportagens, vídeos, documentários e textos jornalísticos consultados para o entendimento da temática; plano de atividades com indicação de fontes, tempo da reportagem, blocos temáticos, linguagem telejornalística a ser utilizada na produção e na pós produção etc; e, finalmente, cronograma das atividades previstas semanalmente. Nesta etapa foram selecionados alguns textos, a exemplo dos livros *Nem preto, nem branco*, muito pelo contrário: *Cor e raça na sociabilidade brasileira*, de Lilia Schwarcz (Claro Enigma, 2012); *O que é racismo estrutural?*, de Silvio Almeida (Letramento, 2018); e *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*, organizado por José Luis Petrucelli e Ana Lucia Saboia (IBGE, 2013). Ida Stumpf explica no artigo *Pesquisa bibliográfica*, publicado no livro *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (Atlas S.A., 2005), que a pesquisa bibliográfica consiste no planejamento inicial de pesquisa, incluindo tanto as etapas de identificação do material bibliográfico a ser lido até a apresentação do texto final que expõe a literatura lida pelo pesquisador e as suas próprias conclusões sobre as ideias dos autores lidos. Além da pesquisa bibliográfica, que incluiu textos acadêmicos e jornalísticos, foram utilizados como referência materiais audiovisuais acerca de diversos assuntos dentro da temática racial. Dentre eles, o documentário *Negritudes brasileiras* (2018), idealizado pela graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo Nátaly Neri – trabalho cujo nome serviu de inspiração para a reportagem aqui descrita. Já o documentário *Revolução silenciosa: 10 anos de cotas raciais na UFSC* (2019), trabalho de conclusão de curso de Lucas Krupacz, traz uma discussão sobre o impacto da política de ações afirmativas para negros na Universidade Federal de Santa Catarina. Além dos documentários, outra fonte utilizada para iniciar as reflexões sobre a temática a ser abordada foi a série de reportagens *Questão racial* produzidas pelo *Jornal da Cultura* em 2013. Uma das peculiaridades apresentadas por Schwarcz (2012) no que diz respeito às complexidades da discussão racial no Brasil pela autora é o racismo “velado”. Outro ponto ressaltado pela autora são as múltiplas possibilidades achatadas na categoria “pardo”, usada equivocadamente por algumas pessoas como estratégia de fuga à identificação racial negra, algo também percebido na realidade acreana, conforme Fernandes (2012). Para o antropólogo Kabengele Munanga, no livro *Negritudes: usos e sentidos* (Autêntica, 2009), a negritude/identidade negra diz respeito à história que une os grupos humanos definidos como negros pelo ocidente branco. Para além da cor da pele, o que esses sujeitos têm em comum é “o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de terem sido simplesmente negada a existência dessas culturas” (p. 20). Esse sucessivo processo de desqualificação das negritudes é feito com base no racismo. Almeida (2018), destaca que o racismo opera como uma ideologia, além de desencadear consequências materiais na vida dos sujeitos racializados. A existência do racismo é inegável e não diz respeito apenas a falas e posturas isoladas: “Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2018, p. 38). Esses materiais bibliográficos e audiovisuais serviram como base para que a autoidentificação racial dos personagens, o racismo sofrido por eles, a negação da presença negra no Acre fossem discutidos na reportagem.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Depois de finalizado e corrigido o relatório de produção, primeira fase avaliativa da disciplina, as autoras do trabalho reuniram-se a fim de organizar a ordem em que os temas a serem abordados apareceriam na matéria. Neste mesmo encontro, foram elaboradas as perguntas a serem feitas aos entrevistados. Foram definidos, ainda, outros textos cujas leituras serviriam como base teórica para outros possíveis questionamentos e temas da reportagem. Já no relatório de produção, foram indicadas pelas alunas possíveis fontes. Estas foram divididas em duas categorias: professores que pesquisam e trabalham as questões raciais, na qual se enquadram Bianca Albuquerque, Jorge Fernandes e Cláudia Marques; e pessoas com relatos testemunhais e empíricos sobre as temáticas. Nesta categoria foram enquadrados o artista plástico Luís Eduardo, a costureira Maria de Fátima e a bombeira militar Ismaira Argolo. No que diz respeito aos aspectos técnicos de gravações, apenas as entrevistas dos professores Bianca Albuquerque e Jorge Fernandes foram feitas em estúdio com câmera e microfones de lapela. Nas demais entrevistas, celulares com sistema android foram utilizados para captar imagens, enquanto o áudio foi gravado por um microfone conectado aos celulares. As palavras faladas pelas repórteres na vinheta (bem morena, amarela, morena, bronzeada, mulata, meio morena, morena clara, morena escura, parda e negra) são oriundas da lista de 136 palavras registradas pelo IBGE no Censo da década de 1970 referentes à autodeclaração. Optou-se por essas palavras devido ao seu uso ser comum no Acre, numa tentativa de evitar se admitir uma autoidentificação negra. O Censo em questão é explicado na segunda passagem da reportagem. A estrutura da grande reportagem foi decidida ainda na fase inicial da disciplina. Optou-se por dividi-la em blocos temáticos sem demarcação aparente com recursos gráficos ou sonoros. Entretanto, para tal marcação, as passagens das repórteres foram construídas. Essa também foi uma estratégia utilizada para que todas as integrantes do grupo tivessem a possibilidade de participar de todas as etapas de produção do trabalho, da elaboração do roteiro à pós-produção. A organização temática foi útil à tarefa de construir uma linha de raciocínio que atendesse ao objetivo do didatismo proposto quando a grande reportagem foi pensada. Assim, as temáticas foram elencadas na seguinte ordem: sonoras dos personagens falando sobre o que sabiam a respeito da origem de suas famílias; formação social do estado do Acre; momentos históricos da vinda de negros para o Acre; sonora dos personagens sobre vivências de racismo na escola, na família, no trabalho; miscigenação e autodeclaração a partir de reflexão e identificação construídas politicamente e por meio de conhecimento; a função da representatividade; autodeclaração como instrumento de luta para alcançar políticas públicas mais equânimes; por fim, sonoras dos personagens falando sobre aspectos positivos da negritude, de sua aceitação e respeito a quem são partindo de uma identidade racial. Para a edição, foi utilizado o software Adobe Premiere. O BG (som de fundo) utilizado durante a reportagem chama-se *This is not Jazz* e está disponível gratuitamente na Audio Library do Youtube. Quanto às fontes do Gerador de Caracteres (GC), vinheta e créditos finais, optou-se por utilizar Cooper Black, CF Jack Story e Bernardo Moda Semibold. A música da vinheta e do final da reportagem é uma versão de *Respeitem meus cabelos, brancos*, interpretada pela cantora Xênia França. A matéria ficou com duração de 17 minutos e 15 segundos, contendo 3 passagens e 6 entrevistados. Conclui-se que se os meios de comunicação reproduzem imaginários que somados ao sistema educacional, ao sistema de justiça e à realidade são responsáveis por compor ideologias, a exemplo do racismo (ALMEIDA, 2018), as autoras deste trabalho visam, enquanto sujeitos políticos, fazer sua parte na busca por uma prática profissional antirracista.